

A historiografia brasileira oitocentista a partir de outro ponto de observação: Ramiz Galvão e a edificação da Biblioteca Nacional

ANA PAULA SAMPAIO CALDEIRA¹

Ramiz Galvão: trajetória e sociabilidade

Em 1870, Benjamin Franklin Ramiz Galvão assumiu o posto de diretor da Biblioteca Nacional com apenas 24 anos de idade, tornando-se o mais jovem administrador da instituição. A partir de então, deu início a um programa de reformas dentro da BN, tendo como objetivo transformá-la efetivamente na biblioteca da nação brasileira. Quando foi nomeado, Ramiz tinha se formado na Faculdade de Medicina há apenas dois anos. Naquele momento, atuava como professor de grego e retórica do conceituado Colégio Pedro II, de onde foi também aluno, mas estava longe de ser um intelectual reconhecido por seus pares. Sua produção bibliográfica dava apenas os primeiros passos e podia ser resumida a dois trabalhos. O primeiro, mais conhecido, chamava-se “O Púlpito no Brasil” (1867), um estudo sobre a oratória sacra brasileira. O segundo, trata-se da tese defendida na Faculdade de Medicina (1868), intitulada “Do valor terapêutico do calomelano no tratamento das inflamações serosas”.

A nomeação de Galvão pelo Ministério do Império, ao qual estava submetida a Biblioteca Nacional naquele momento, causou mesmo certo estranhamento por parte de alguns letrados da época. Este foi o caso de José de Alencar, que desejava um nome de maior destaque à frente da instituição:

A respeito da nomeação do bibliotecário, feita pelo nobre ministro, me limitarei a uma simples observação. Embora eu esteja convencido que essa nomeação não pode deixar de ser boa, porque o nobre ministro a fez por inspiração; e sem desconhecer as qualidades e talentos do nomeado, entendo que o lugar de bibliotecário público deve ser reservado para um homem conhecido pela sua vasta erudição, para uma reputação firmada, para uma ilustração que possa receber dignamente os sábios estrangeiros que transitem por nosso país, e dar-lhes uma ideia elevada da nossa civilização.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV), conta com o apoio da Faperj para o desenvolvimento de sua pesquisa.

Não é lugar para os moços se habilitarem, mas para se remunerar os talentos feitos. (ALENCAR, 1871, 85)²

De acordo com Nelson Schapochnik, o cargo de bibliotecário da Biblioteca Nacional tinha a “chancela do poder”, uma vez que o pretendente deveria ser indicado pelo ministro e tinha ainda de passar pelo crivo da Assembleia (SCHAPOCHNIK, 1999: 273-311). Nesta esfera, as relações pessoais poderiam ajudar ou mesmo prejudicar as aspirações dos candidatos. À época, estava à frente do Ministério do Império o conselheiro João Alfredo Correa de Oliveira. Nossas pesquisas, até o momento, não indicaram nenhuma relação mais próxima entre ele e Ramiz Galvão que pudesse justificar a sua escolha para dirigir a BN. No entanto, Galvão era um velho conhecido do Imperador, que pode acompanhar a sua trajetória como aluno e professor do Colégio Pedro II e também na Faculdade de Medicina. É possível que esta relação tenha contribuído para a sua indicação ao cargo. Soma-se a isso, ainda, o fato de que a remuneração do bibliotecário da BN não era das mais atraentes, não se constituindo como nenhuma “aposentadoria honrosa” e convidativa para os mais notáveis eruditos da Corte, como também lembrou José de Alencar no discurso já citado. Assim, sem um concorrente de maior vulto, Ramiz acabou indicado para o cargo.

É interessante notar, no entanto, que se inicialmente Galvão enfrentou alguns comentários resistentes à sua nomeação, ao longo dos doze anos em que presidiu a instituição, sua figura foi conquistando notoriedade. Assim, em 1882, quando deixou o posto, já era considerado um intelectual efetivamente consagrado pelos projetos que realizou durante sua administração e que buscavam reformular a Biblioteca Nacional, colocando-a efetivamente a serviço das letras brasileiras. Sua atuação como bibliotecário marcou de forma tão profunda sua trajetória que podemos considerá-la um “acontecimento biográfico”,³ pois, naquele espaço, ele pode, simultaneamente, estreitar e

² José de Alencar utilizava a palavra “bibliotecário”, pois à época não existia o título de “diretor”, que só passou a vigorar a partir da proclamação da República². Aquele que administrava a biblioteca era chamado, simplesmente, bibliotecário. O nome da instituição também trazia algumas confusões. Desde 1822, ela deixou de ser chamada “Biblioteca da Corte” e passou a nomear-se “Imperial”, embora os documentos oficiais também se referissem a ela como “Biblioteca Pública” ou ainda “Biblioteca Nacional”, expressão que temos utilizado neste trabalho.

³ A categoria “acontecimento biográfico” é utilizada por Angela de Castro Gomes ao tratar do lugar que a passagem pelo Ministério do Trabalho ocupou na memória construída de João Goulart. Como se sabe, Jango ocupou aquela pasta no segundo governo Vargas. Embora tenha sido uma experiência curta, ela foi extremamente marcante, especialmente pelo sentido fundador que ganhou na trajetória daquele político.

se consagrar no ambiente letrado da época a partir de suas qualidades de administrador, erudito e editor.

A passagem pela BN, além da consagração, serviu também para inserir Ramiz numa ampla rede de sociabilidade que o ligava a estudiosos, livreiros, bibliófilos e bibliotecários de diversos lugares do Brasil, da América (especialmente dos Estados Unidos e Argentina) e da Europa. A documentação que a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda sobre seu antigo diretor contém algumas cartas trocadas entre ele e alguns estrangeiros, especialmente Vicente Quesada, diretor da Biblioteca Nacional de Buenos Aires; Ferdinand Denis, administrador da Biblioteca de Santa Genoveva; Georges Duplessi, sub-diretor da seção de estampas da Biblioteca Nacional de Paris; Pedone Lauriel, livreiro francês e John Winter Jones, do *British Museum*. Com os membros dessa rede, eram trocadas correspondência, livros e documentos referentes à história do Brasil, o que servia não só para aumentar o acervo da Biblioteca Nacional, mas também para construir uma nova imagem da instituição, situando-a num ambiente letrado bastante amplo e digno das grandes nações “civilizadas”.

Seus contatos eram ainda maiores se pensarmos as relações que Ramiz manteve também com intelectuais brasileiros de sua época, em especial aqueles que compunham os quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual foi acadêmico, orador perpétuo e onde, justamente com Max Fleiüss e o conde de Afonso Celso, compôs a chamada “trindade do Silogeu” (GUIMARÃES, 2006: 52). Participou ainda de outra instituição de consagração intelectual: a Academia Brasileira de Letras, de onde foi, inclusive, presidente. Sua atuação englobou também a redação de textos para a *Gazeta do Rio de Janeiro*, a direção da Instrução Pública no Rio de Janeiro, a presidência do Conselho Superior de Ensino do Distrito Federal e a atuação como professor em diversos espaços, tais como o Colégio Pedro II, a Faculdade de Medicina, o Asilo Gonçalves de Araújo e a residência da Família Imperial, uma vez que sua saída da

Assim, a categoria “acontecimento biográfico” nos parece bastante apropriada para pensar esses momentos de inflexão nas trajetórias individuais. São acontecimentos que, muitas vezes, marcam a “estrela” do indivíduo numa determinada função, uma mudança de percurso ou, até mesmo, a conclusão de uma etapa de sua vida. (Ver GOMES, Angela de Castro. Memória em disputa: Jango, ministro do trabalho ou dos trabalhadores? In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *João Goulart. Entre a memória e a história*. Rio de Janeiro, FGV, 2006. p. 31-55)

Biblioteca Nacional se deu em função da sua nomeação como tutor dos filhos da Princesa Isabel.⁴

Apesar do lugar de relevo que ocupou no ambiente letrado de sua época, a trajetória e atuação de Ramiz Galvão são muito pouco conhecidas. De modo geral, os estudos sobre a historiografia e ao ambiente intelectual do segundo quartel do século XIX até das primeiras décadas do século XX centram-se em autores consagrados e que produziram textos de relevo, como Capistrano de Abreu, Varnhagen, João Ribeiro, Olavo Bilac e tantos outros. Sua memória é reivindicada não pelos profissionais da História, mas pelos bibliotecários,⁵ muito embora Galvão tenha participado de forma muito ativa do IHGB (instituição que autorizava o discurso historiográfico à época) e tenha atuado de forma eficaz não como um escritor propriamente dito, mas como um intelectual “menor”, pois trabalhou organizando acervos, dirigindo instituições, articulando agremiações, montando exposições, publicando documentos e editando obras. Dessa forma, utilizando as categorias sugeridas por Jean-François Sirinelli, podemos dizer que, no ambiente cultural e letrado de seu tempo, Ramiz não foi propriamente um “criador”, designação que este autor reserva àqueles que participaram de criações literárias e artísticas. Antes, foi um “mediador”, isto é, um intelectual que contribuiu, à sua maneira, para difundir conhecimentos, possuindo, portanto uma “capacidade de ressonância” e um poder de influência (SIRINELLI, 1998: 261). Evidentemente, tratam-se de categorias analíticas que não devem ser entendidas como radicalmente separadas e distintas. Elas tão somente parecem-nos operacionais para destacar dois aspectos que consideramos fundamentais em Ramiz Galvão: em primeiro lugar, o seu envolvimento com um tipo de produção intelectual que buscava servir a seus pares. Em segundo lugar, a sua atuação como articulador bastante influente nas redes em que estava inserido.

Em um discurso proferido no IHGB em 1922, quando se comemorava os 50 anos de entrada de Ramiz Galvão no IHGB, o acadêmico Afrânio Peixoto ressaltou justamente o caráter mediador presente em Galvão, definindo-o como um “homem de ação”:

⁴ Ramiz Galvão exerceu a função de tutor dos príncipes imperiais entre 1882 (quando foi exonerado da Biblioteca Nacional) e 1889 (quando o advento da República exilou a Família Imperial).

⁵ De acordo com Mauricéia Filho, Ramiz Galvão é considerado o patrono dos bibliotecários (MAURICÉIA FILHO, 1972: 104).

Doutor noviço, começaste logo vossa faina, noviciado de educador, ensinando em 69 e 70, Grego e Retórica no Pedro II. Daí vos tomaram para vos dar a cidade dos livros, onde o jovem humanista se iria revelar homem de ação, organizador, administrador, e vos faria, sem deixar jamais a vossa vocação de eloquência, aproximardes dos vossos outros louros de historiador, que não deparam na vossa coroa de humanista. Também Tucídides, fugindo à praça pública, punha os mais famosos discursos que fora capaz de fazer na boca de seus heróis. (PEIXOTO, 1922: 492-505. Grifos nossos)

De acordo com Angela de Castro Gomes, as categorias homem de ação/ homem de palavra se tornaram uma espécie de “fórmula compartilhada” pelos integrantes da política republicana de entre 1945 e 1964 (GOMES, 2008: 181-96). Ela aparece, inclusive, nas entrevistas feitas com Afonso Arinos de Melo Franco, nas quais se apropriou destas categorias (que em sua fala aparecem, por vezes, como opostas) para se caracterizar como um “político de palavra”, um “homem do parlamento” (ALBERTI, 2004: 77-90). No trecho destacado acima, Afrânio Peixoto parece utilizar essa diferenciação entre ação e palavra, mas, ao mesmo tempo, representa Ramiz Galvão como um homem que circulava entre as duas esferas, a da eloquência e a da ação:

Mas a vossa eloquência não fugiria à sedução do gênio grego e romano, que o queria ornado de arte, como Sócrates e como Tulio, cuja sensualidade estética é patente, desde o gosto das palavras escolhidas, até o transunto da culta filosofia... Queria mesmo o primeiro deles que a eloquência fosse uma arte útil e educativa como vós fazeis. (IDEM)

Por outro lado, como diretor da Biblioteca Nacional, Ramiz foi, para Afrânio Peixoto, um homem de ação efetivamente, por isso é comparado a Tucídides: assim como o historiador grego colocou seus melhores discursos na boca de seus heróis, Ramiz *agiu* organizando a instituição e possibilitando que outros explorassem seu acervo e alcançassem a fama como historiadores. Como mediador Ramiz não escreveu obra histórica de vulto. Antes, lidou o tempo todo com documentos e, mais do que isso, possibilitou que outros intelectuais conhecessem as fontes e fizessem progredir os estudos históricos no país.

Neste sentido, vale a pena acompanharmos mais de perto a *ação* de Galvão na Biblioteca Nacional. Faremos isso, destacando dois empreendimentos que nos ajudam a pensar o projeto de biblioteca almejado por ele: os *Anais da Biblioteca Nacional* e o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*.

Ramiz Galvão como editor: os *Anais da Biblioteca Nacional* e o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*

Destacamos anteriormente que Ramiz Galvão teve a reformulação da Biblioteca Nacional como um ponto central de sua trajetória. Entendemos essa reformulação em dois sentidos: primeiramente, relacionada às mudanças no cotidiano e no funcionamento da instituição, o que possibilitou a criação de uma rotina de serviços. Assim, na década de 1870, houve uma demanda pela ampliação do orçamento da casa, de forma que fosse possível reformar o prédio da biblioteca, ampliar o seu horário de funcionamento, instalar iluminação a gás em suas dependências, ampliar e preservar seu acervo e garantir o aumento do número de empregados e de seus salários. Em relação a este último item, cabe destacar que foi durante a administração de Galvão que se realizou o primeiro concurso público da instituição. A vaga era para oficial da biblioteca e nela se inscreveram quatro candidatos, que tiveram avaliados seus conhecimentos em bibliografia, história, geografia, literatura, filosofia, inglês, francês e latim. Neste concurso, foi classificado em primeiro lugar, e por unanimidade, Capistrano de Abreu, que passou, então, a compor o quadro de funcionários da BN numa época em que a instituição buscava pessoas preparadas e que satisfizessem as exigências de um espaço que cada vez mais se voltava a um público especializado.

O segundo sentido que podemos dar à reformulação refere-se à preocupação de Ramiz em fazer da BN um local de investigação em sintonia com as questões intelectuais da época. Assim, convém destacar, dentro dos limites deste trabalho, de que forma Galvão atuou neste sentido.

Em primeiro lugar, uma das tarefas que Ramiz tomou para si foi aumentar o acervo da Biblioteca Nacional, incorporando a ele diversos documentos (especialmente manuscritos) relacionados à história do Brasil que estavam nas mãos de particulares ou em arquivos estrangeiros. Dessa forma, foi fundamental a viagem que fez à Europa entre 1873 e 74 a mando do governo imperial, na qual pode visitar as bibliotecas de Viena, Munique, Berlim, Milão, Florença, Roma, Londres e Paris em busca de

documentos relativos à história do país.⁶ Segundo Pires de Almeida, nesta viagem, foram gastos cerca de doze contos de réis na compra de manuscritos, monografias, imagens e catálogos, todos eles incorporados ao acervo da BN. (ALMEIDA, 1897: 10).

O projeto de procurar, comprar e reunir documentos relativos à história do Brasil parece, no entanto, que não se restringiu ao tempo em que Ramiz Galvão esteve na Europa. Mesmo após o seu retorno, é possível perceber em seus ofícios o interesse em localizar e adquirir materiais sobre a história do país que estivessem nas mãos de particulares ou em bibliotecas estrangeiras. Através dos contatos que estabeleceu com bibliófilos e letrados de dentro e de fora do país, ele recebia notícias de leilões e atuava junto ao Ministério do Império para comprar os materiais que interessassem à BN. Foi assim que conseguiu adquirir 41 manuscritos da coleção dos Marqueses de Castelo Melhor, vindos diretamente de Lisboa ou os livros e documentos obtidos a partir do leilão do espólio do escritor português Rodrigo José de Lima Felner. Mas as aquisições não pararam aí. Em 1880, a BN recebeu do conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa 38 manuscritos e, no ano seguinte, foi adquirida uma coleção de documentos diplomáticos do Visconde do Rio Branco, ofertados à instituição por seu filho, José Maria da Silva Paranhos (ALMEIDA, 1897: 10).⁷

Ampliado o acervo, Ramiz Galvão trabalhou no sentido de divulgar esse material. Para isso foram fundamentais dois veículos: os *Anais da Biblioteca Nacional* e o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*.⁸ Essas duas publicações marcaram sua

⁶ O objetivo inicial da viagem de Ramiz Galvão à Europa foi analisar o funcionamento das bibliotecas estrangeiras para que, em seguida, fosse possível formular estatutos novos para o funcionamento da Biblioteca Nacional. No entanto, em janeiro de 1874, o diretor da BN recebeu uma carta do governo Imperial estendendo a sua viagem à Europa para que se procurassem e adquirissem nos arquivos e bibliotecas europeias documentos relativos ao Brasil. (ARQUIVO NACIONAL. *Ofícios do Bibliotecário* (1873-76). Ofício de 07 de fevereiro de 1874).

⁷ Convém lembrar que uma importante aquisição para a Biblioteca Nacional foi feita ainda em 1873, quando foi comprada a biblioteca de Manoel Ferreira Lagos, composta de 3.475 volumes, 231 manuscritos e cerca de 2 mil folhetos publicados no Brasil e em países estrangeiros. Faziam parte desta coleção as *Memórias* de Alexandre Rodrigues Ferreira.

⁸ Antes destes dois veículos, a Biblioteca nacional utilizava como instrumento de divulgação de seu acervo os jornais da época, especialmente *O Globo*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias*. A cada nova descoberta de uma imagem desconhecida e perdida em meio ao grande acervo da instituição ou mesmo a cada compra de um importante manuscrito, Ramiz Galvão e seus ajudantes (especialmente Alfredo do Vale Cabral, oficial da biblioteca) enviavam notícias, acompanhadas sempre de um pequeno estudo, à redação de um desses periódicos. É o que se vê na notícia veiculada no jornal *O Globo* de 1º de março de 1873: “No espontâneo encargo que tomamos de fazer conhecer o público estudioso os livros concernentes ao Brasil, que guarda a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, damos notícia de mais um achado, por todos os títulos precioso. Convém que se vá conhecendo e dando o

atuação na direção da biblioteca e, a nosso ver, compunham o cerne do seu projeto de reformulação da BN e de inserção desta instituição no debate intelectual da época, além de exemplificar muito bem a atuação e as intenções de Ramiz como editor.

O primeiro volume dos *Anais* foi impresso em 1876, ano em que saiu também o segundo fascículo desta revista. Ao longo da administração de Ramiz Galvão, foram impressos nove volumes do periódico, sendo o último deles dividido em dois tomos, destinado ao *Catálogo da Exposição de História do Brasil*. Não nos interessa aqui destacar pormenorizadamente o conteúdo de cada um destes nove volumes. Tampouco será possível realizar uma análise minuciosa de todos os artigos e documentos publicados ali, o que exigiria um trabalho específico e de fôlego. No entanto, inicialmente, parece interessante observarmos os objetivos desta publicação, expressos fundamentalmente, mas não de forma exclusiva, no primeiro volume do periódico.

O objetivo mais explícito pode ser encontrado nas “Advertências preliminares”, onde Ramiz Galvão explica que os *Anais* eram destinados à divulgação das “riquezas literárias” da BN, até então esquecidas e ignoradas pelos “próprios nacionais”. Logo no primeiro volume, figuram notícias e artigos sobre alguns conjuntos de documentos que foram eleitos para representar o que havia de melhor nas estantes da biblioteca, como a coleção Diogo Barbosa Machado, as cartas do padre José de Anchieta, além da coleção Camoneana e a de Alexandre Rodrigues Ferreira. Todos esses documentos eram não apenas descritos e classificados, mas vinham também acompanhados de estudos feitos pelos funcionários da própria instituição.⁹

devido valor à primeira biblioteca instituída no Brasil e que em riqueza está a par de suas irmãs do Velho Mundo”. (CABRAL, Alfredo do Vale. Investigações. *O Globo*, 1º de março de 1873.)

⁹ Quem abre o primeiro volume dos *Anais da Biblioteca Nacional* é a famosa Coleção Diogo Barbosa Machado, que recebeu um importante estudo feito por Ramiz Galvão (sobre esta questão, ver CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *Colecionar, escrever a história. A história de Portugal e de suas possessões na perspectiva do bibliófilo Diogo Barbosa Machado*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007). Outros nomes ligados à Biblioteca Nacional também tiveram seus artigos publicados neste primeiro volume. Foi o caso de Saldanha da Gama, que assinou o estudo sobre a Coleção Camoneana; Zeferino de Menezes Brum, que escreveu sobre o nígelo existente no acervo da BN, além de assinar o artigo “Iconografia”; e Teixeira de Melo, autor de artigos sobre as cartas do Padre Anchieta e de um estudo sobre Cláudio Manoel da Costa. O nome de Alfredo do Vale Cabral é, no entanto, o mais presente em todo o volume. Ele foi responsável pelo estudo sobre a coleção Alexandre Rodrigues Ferreira, por um artigo acerca do projeto de formar uma galeria dos bibliotecários da BN, pelo necrológio de Inocêncio Francisco da Silva e por mais dois estudos, um intitulado “Bibliografia brasílica” e outro sobre um manuscrito da biblioteca.

No entanto, ao lermos os artigos dispersos ao longo deste e de outros volumes, podemos perceber que havia outro objetivo, talvez menos explícito, mas igualmente presente nesta publicação: auxiliar os estudos sobre o Brasil. Este auxílio vinha especialmente a partir da publicação de documentos autênticos que tratassem de fatos e personagens da história nacional,¹⁰ descrições geográficas de regiões distantes do país, bem como de sua população,¹¹ e mesmo documentos e estudos sobre a língua tupi, que poderiam ajudar não apenas aos “historiadores de nossas coisas”, mas serviria também como fonte de estudo e inspiração para criações literárias.¹²

Documentos autênticos relacionados ao Brasil também estavam presentes nas páginas do 4º e do 5º volumes dos *Anais da Biblioteca Nacional*, reservados à publicação do catálogo dos manuscritos existentes na BN. A própria maneira como os manuscritos foram classificados já nos parece sintomática, uma vez que figuram divididos em duas partes, a de “códices relativos ao Brasil” e a de “códices estranhos ao Brasil”. Como era de se esperar, os textos relativos ao país abrem o catálogo, que começa pelos documentos que se referem ao país como um todo, passando, em seguida, àqueles que tratam de suas partes, isto é, suas capitanias ou províncias, e aos que tem relação com a questão dos limites territoriais. Nesta lista, não poderiam faltar também obras de brasileiros, assim como cartas e autógrafos.

O interesse em estudar o que era o Brasil e em desenvolver catálogos e estudos que disponibilizassem aos leitores e usuários da biblioteca os documentos necessários para o conhecimento da história, geografia, províncias e povos do país não esteve

¹⁰ Era o caso das cartas de Anchieta, que remetiam ao passado da colonização, mas também da notícia de um manuscrito existente na BN sobre a Guerra dos holandeses no Brasil ou ainda de um estudo sobre o inconfidente Cláudio Manoel da Costa.

¹¹ Um exemplo interessante é o manuscrito de autoria de Luiz D’Alincourt, militar português que presidiu numerosas comissões por regiões brasileiras ao longo do século XIX. Neste documento, D’Alincourt oferece algumas informações acerca da província do Mato Grosso¹¹ e, na opinião de Alfredo do Vale Cabral, tratavam-se de informações relevantes, escritas não por um compilador de relatos, mas por uma testemunha ocular (CABRAL, Alfredo do Vale. Resultado dos Trabalhos e indagações estatísticas da província do Mato Grosso. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 3. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1877. p. 69-70).

¹² Um exemplo importante neste sentido e que nos ajuda a pensar como os *Anais da Biblioteca Nacional* poderiam auxiliar criações literárias foi a publicação, no 6º e 7º volumes dos *Anais*, do manuscrito *Primeira catequese dos índios selvagens*, do Padre Montoya, traduzido pelo especialista Batista Caetano Almeida Nogueira. O próprio Almeida Nogueira afirma em seu estudo introdutório pretender com seu trabalho prestar um serviço à literatura, “evitando que nos seus romances o índio apareça com falar de outro mundo, inverossímeis e não naturais” (BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 6. Rio de Janeiro: G. Leuzinger e Filhos, 1879).

presente somente nos *Anais da Biblioteca Nacional*. Estava também no centro de um dos mais ambiciosos projetos de Ramiz Galvão dentro da BN: a elaboração do *Catálogo da Exposição de História do Brasil*.

O evento que deu origem ao catálogo aconteceu em dezembro de 1881 e acabou servindo como a coroação da administração de Galvão, uma vez que, logo em seguida, ele teve de se afastar das suas funções como bibliotecário e assumir o posto de tutor dos príncipes imperiais. O objetivo da exposição era “trazer à luz” documentos referentes à história e geografia do país existentes tanto na BN, quanto em outras instituições ou nas mãos de particulares. A mostra, no entanto, servia como pretexto para se elaborar um catálogo com as indicações dos documentos levantados, que possibilitariam futuras investigações.

Para a realização da exposição, o bibliotecário solicitou documentos históricos a particulares, instituições e aos governos das províncias. Como ressaltou Lorelai Kury e Maria Eliza Amadeo, a concepção de documento era bastante ampla e para a exposição eram aceitos não só livros, manuscritos, cartas geográficas e autógrafos, mas também medalhas, moedas, estampas, fotografias, quadros a óleo, desenhos e esculturas (KURY, AMADEO, 2000: 323-34). Ainda aos governos provinciais, foi solicitado que mandassem informações sobre as circunstâncias topográficas, etnográficas e históricas de seus municípios. Embora muitas províncias tenham ignorado os apelos de Galvão por notícias, outras, no entanto, empenharam-se em dar uma resposta às solicitações da Biblioteca Nacional. Este foi o caso, por exemplo, da Câmara Municipal da cidade de Santa Cruz do Corumbá, no Mato Grosso, que chegou a nomear uma comissão para organizar um relatório em que constassem todas as características históricas e geográficas do município, como o seu relevo, ilhas, serras, rios e lagos, condições de salubridade, características minerais, tipos de madeira, frutas, animais, população, agricultura, indústria fabril, curiosidades naturais, além dos fatos históricos mais notáveis dos quais a região foi palco. Outros municípios também enviaram as informações pedidas, como São João da Barra, Maricá, Valença, Niterói, Resende, Bananal, Cajuru, São José dos Campos, Santos, Ubatuba, entre outros.

Para José Horório Rodrigues, mais do que a exposição, o catálogo foi a grande obra e, de acordo com Capistrano de Abreu, o principal objetivo de Ramiz Galvão

(RODRIGUES, 2000: Introdução). Lorelai Kury e Maria Eliza Amadeo também destacaram a importância do Catálogo produzido naquela ocasião, lembrando que, embora vários diretores da Biblioteca Nacional tenham se empenhado em produzir um levantamento do acervo da instituição, foi somente na gestão de Galvão que se organizou uma obra de tal magnitude, afinal, foi também durante a sua administração que a BN passou a ter uma maior preocupação com a questão da memória nacional e com o conhecimento do passado (KURY, AMADEO, 2000: 325).

Dessa forma, parece-nos que a atuação de Ramiz Galvão como diretor da Biblioteca Nacional foi relevante não apenas como um elemento na sua biografia, na medida em que o ajudou a ocupar outro lugar na configuração do ambiente letrado de sua época, mas também como um período importante para a própria história da instituição. O projeto que Ramiz implementou na BN acabou por possibilitar um duplo movimento. Por um lado, a biblioteca, ao se reformular, buscar um novo público e estimular a publicação e difusão de “suas riquezas”, ganhava notoriedade para além das fronteiras nacionais. Neste sentido, publicações como os *Anais* e o *Catálogo* foram de grande serventia, pois, a cada novo volume impresso, exemplares eram enviados a todos os letrados estrangeiros que compunham a rede em que Ramiz estava inserido. Isso significa dizer que essas publicações se dirigiam a diversos países e instituições, como a Biblioteca de Paris, a Biblioteca da Filadélfia, o Museu Britânico e a Biblioteca do Congresso Americano. Os dirigentes destes espaços, por sua vez, costumavam enviar mensagens muito elogiosas e que eram rapidamente anexadas por Ramiz aos relatórios enviados ao Ministério do Império. Assim, na esteira do reconhecimento externo, vinha também o reconhecimento que Galvão buscava dentro do próprio país. Periódicos da época como o *Jornal do Commercio*, *O Globo*, *Diário do Rio*, *Gazeta de Notícias* e *Reforma*, não só noticiavam como também louvavam a “nova” Biblioteca Nacional como um “estabelecimento útil e proveitoso para os literatos brasileiros”.

Neste sentido, a biblioteca aparecia para a opinião pública como um espaço à *serviço* dos estudos nacionais. Esses estudos, por sua vez, centravam-se na tarefa de definir o que era o Brasil, conhecer a sua história, o seu território, a sua população, os seus documentos. Para isso, era necessário estimular a produção de descrições, relatórios e exposições, além da coleta de documentos autênticos, que pudessem *dar a*

conhecer o país. De alguma forma, são essas as preocupações que norteiam a construção de veículos como *Os Anais da Biblioteca Nacional* e o *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, que podem ser compreendidos como empreendimentos editoriais que, ao mesmo tempo em que conferiam visibilidade à BN, serviam como estímulo aos intelectuais “criadores” em seu trabalho de escrever e entender o país. Neste sentido, essas publicações parecem exemplificar bem o papel de mediador e difusor de Ramiz, na medida em que ele buscou inserir a Biblioteca Nacional no circuito letrado de sua época. Para isso, não só buscou trazer os letrados para dentro daquele espaço, mas também levou a biblioteca para as estantes daqueles intelectuais na medida em que divulgava e tornava públicos documentos de seus acervos.

Sendo assim, uma análise da atuação de Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional (estudo que estamos desenvolvendo em nossa tese de doutorado) pode contribuir para pensarmos justamente a atuação desses “homens de ação” em sua época e o impacto de obras como catálogos, relatórios, exposições e outros tipos de produções relacionadas a esses intelectuais “mediadores”, ajudando a compor um painel mais complexo do ambiente letrado nas últimas décadas do século XIX.

Fontes

ALENCAR, José de. *Discurso proferido na sessão de 1871 da Câmara de Deputados*.

Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1871. p. 55.

ARQUIVO NACIONAL. *Ofícios do Bibliotecário* (1873-76)

BIBLIOTECA NACIONAL. *Anais da Biblioteca Nacional*. V. 6. Rio de Janeiro: G.

Leuzinger e Filhos, 1879.

CABRAL, Alfredo do Vale. Investigações. *O Globo*, 1º de março de 1873.

GALVÃO, Ramiz. *Ofício dirigido ao ministro do Império, barão Homem de Mello, expondo o plano de uma exposição de História do Brasil, com as instruções para a remessa de documentos históricos e o plano geral da exposição*. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1880.

PEIXOTO, Afrânio. Discurso de Afrânio Peixoto por ocasião da comemoração dos cinquenta anos de ingresso de Benjamin Franklin Ramiz Galvão no IHGB. *RIHGB*, t. 92, v. 146, p. 492-505, 1922 (publicado em 1926).

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. Além das versões: possibilidades da narrativa em entrevistas de história oral. In: _____. *Ouvir e Contar. Textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 77-90.
- ALMEIDA, Pires de. *Biblioteca Nacional. Resumo Histórico*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger, 1897.
- AMADEO, Maria Eliza e KURY, Lorelai. O Catálogo da Exposição de História do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 120, p. 323-34, 2000
- BESSONE, Tânia. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1999.
- CARVALHO, Gilberto Vilar de. *Biografia da Biblioteca Nacional (1807-1990)*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994. p. 99.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 24-5.
- FILHO, A. Mauricéa. *Ramiz Galvão (o Barão de Ramiz) 16/06/1846 a 09/03/1938; ensaio biográfico e crítico*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1972.
- FONSECA, Edson Nery da. *Ramiz Galvão. Bibliotecário e Bibliógrafo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.
- GOMES, Angela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.
- _____. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

- _____. Memória e história nos escritos autobiográficos de San Tiago Dantas. In: PESAVENTO, Sandra; PATRIOTA, Rosângela e RAMOS, Alcides Freire (Orgs). *Imagens na História*. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 181-96.
- _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- _____. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos históricos*, v.6, n. 11, 1996, p. 62-77.
- GONTIJO, Rebeca. O Cruzado da Inteligência: Capistrano de Abreu, memória e biografia. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 14, n. 26, p. 41-76, dezembro de 2007.
- _____. A vida póstuma de um historiador nacional: Capistrano de Abreu, memória e biografia. In: XXIII Simpósio Nacional da ANPUH: Guerra e Paz, 2005, Londrina. *Anais do XXIII Simpósio da ANPUH - Guerra e Paz*. São Paulo: ANPUH, 2005.
- GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2006.
- HANSEN, Patrícia Santos. *Feições e Fisionomia. A história do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000. p. 25
- MACEDO, Adriana Mattos Clen. Método e escrita da história em Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1846-1938). Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, 2013.
- RODRIGUES, José Honório. Introdução. In: *Catálogo da Exposição de História do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a 2 de dezembro de 1881*. Brasília: Editora do Senado Federal, 2000. 3v.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na Biblioteca Pública da Corte Imperial. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: FAPESP, 1999. p. 273-311.
- SIRINELLI, J-F. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*, Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- _____. As elites culturais. In: _____ e RIOUX, Jean-Pierre. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-79.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.